

QUAIS SÃO AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS DO CAMPO DE CANOINHAS/SC?

WHAT ARE THE PROSPECTS OF COUNTRYSIDE YOUTH FROM CANOINHAS/SC?

DALMAGRO, Sandra Luciana ¹

SANTOS, Marisa Cordeiro dos²

Resumo

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa realizada em uma escola do meio rural do município de Canoinhas/SC, cujo foco é discutir as relações dos jovens do campo com o lazer, o trabalho e a escola, e, diante desta realidade, refletir acerca de como constroem suas perspectivas de futuro. Entre as principais questões existentes destaca-se o alto número de jovens que estão deixando o campo. Para melhor apreensão acerca das expectativas dos jovens, investigamos os principais problemas vividos por eles, como: a falta de lazer, o trabalho penoso e a pobreza. Para este trabalho utilizamos de pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas e observações. O referencial do materialismo dialético nos ajuda a compreender as problemáticas existentes naquelas comunidades de modo mais abrangente, articulando-as à qualidade educacional ofertada.

Palavras chave: Jovens. Trabalho no Campo. Lazer. Escola.

Abstract

This article is the result of a piece of research carried out in a rural school in Canoinhas/SC, whose focus is to discuss the relationship among countryside youth and leisure, work and school. In face of this reality, the study aims at reflecting on how to build youth's future prospects. Among the main issues, we highlight the high number of young people who are leaving the countryside. In order to better understand their expectations, we have investigated the main problems faced by them, such as: lack of leisure, hard work and poverty. The study was carried out with bibliographic and documentary research as well as interviews and observation. The framework of dialectical materialism helps us have a more comprehensive understanding of the problems that exist in those communities so that we can articulate them with the quality of education offered.

Keywords: Youth. Countryside Work. Leisure. School.

¹ Doutora em Educação e Professora de Licenciatura em Educação do Campo. UFSC/EED. Contato: sandradalmagro@yahoo.com.br

² Graduanda de Licenciatura em Educação do Campo. UFSC/CED. Contato: marihsanthos@hotmail.com

Introdução

Esta pesquisa tem por foco os jovens estudantes da Escola Básica Municipal Maria Izabel de Lima Cubas³, localizada no interior do município de Canoinhas/SC, debatendo a cerca de como estes tem construído suas expectativas para com o futuro e sua relação com o campo. A questão que orienta este texto e sintetizada em seu título, decorre dos trabalhos realizados ao longo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC, o qual promove a inserção dos graduandos em comunidades e escolas do campo. Neste processo observamos forte êxodo rural dos jovens e o desejo destes de residir na cidade. Analisando dados acerca dos egressos da escola Maria Izabel nos anos de 2004, 2005, 2006, 2009 e 2011, constatamos que dentre os cento e sessenta estudantes que concluíram o ensino médio, 65,8% migraram para o perímetro urbano de Canoinhas ou outras cidades e apenas 34,2% permanecem no campo.

Estes dados e o conhecimento preliminar que dispúnhamos acerca das condições de vida destes jovens levantam várias questões: qual o futuro do campo de Canoinhas? Qual o futuro do campo brasileiro? Qual o sentido de formar licenciados em Educação do Campo se a realidade do campo brasileiro não é alterada e os jovens vão embora? Diante destas e outras questões delimitamos este estudo aos condicionantes principais promotores do êxodo rural, os quais foram aqui concentrados nas temáticas do trabalho/renda e do lazer. Por outro lado e por estarmos dentro de uma escola, também nos questionamos como a escola se relacionava com a realidade destes jovens e particularmente com a problemática do êxodo rural, ainda mais que neste município realiza-se um Programa de Educação do Campo.

A pesquisa de campo compreendeu observações, e e, quais são as possibilidades de lazer existentes na região. As entrevistas foram realizadas com vinte e seis jovens estudantes dos anos finais e ensino médio da escola mencionada. Também realizamos sete entrevistas com as famílias, dezessete com professores e três membros da direção da escola. Os documentos analisados foram o PPP da escola e as Diretrizes da Educação do Campo do município de Canoinhas.

Num primeiro momento refletimos sobre o campo brasileiro, situando o contexto dos sujeitos da pesquisa, posteriormente refletimos sobre a relação dos jovens com o trabalho agrícola, com o lazer e com a escola. Nosso intuito, além de dar visibilidade à

³ A partir de agora irei me referir à escola apenas como Maria Izabel

realidade da juventude do campo, é pensar alternativas consistentes de transformação deste espaço.

O contexto dos sujeitos da pesquisa

O campo brasileiro expressa o atual estágio do capitalismo financeiro e oligopolizado por meio do agronegócio, uma forma “moderna” de reprodução da histórica concentração de terras e da especulação fundiária no mercado de terras. É a estratégia para associar o capital agroindustrial com a grande propriedade fundiária, perseguindo o lucro e a renda da terra, com patrocínio do Estado. De acordo com Delgado (2003), a magnitude da questão agrária hoje está na disponibilidade de terra e na demanda por terra. A situação agrária brasileira descarta trabalhadores e pequenos produtores dos mercados agrícolas e, ao mesmo tempo, permite um grande estoque de terra ociosa apropriada pelo latifúndio.

Do lado dos trabalhadores, observamos a intensificação da exploração do trabalho, o aumento do desemprego (o agronegócio emprega pouquíssimos trabalhadores), a violência nas relações semi-clandestinas de trabalho volante e a exploração do trabalho de crianças. Atualmente, cerca de 16,5 milhões de trabalhadores vivem no campo. No entanto, apenas 10% têm carteira assinada. Dos 11 milhões restantes, dois terços sobrevivem com apenas o suficiente para comer, e um terço não recebe qualquer remuneração.

Tal cenário é explicado pelos dados divulgados pelo IBGE no último Censo Agropecuário (2006). O índice de Gini, que mede a concentração de terras, aumentou de 0,856 para 0,872. As propriedades com mais de mil hectares ocupam 43% da área total, entrevistas e análises de documentos. As observações foram realizadas na escola, nas famílias, e nos momentos de lazer na comunidade, nos detendo em focar questões como: de que forma o jovem percebe e pensa a vida no campo e na cidade; a relação dele com o trabalho e a família; ante os 2,7% de área ocupada pelas menores (abaixo de 10 hectares), que representam 47% das propriedades.

O município de Canoinhas reflete a realidade brasileira, com a concentração de sua população no espaço urbano, reflexo da introdução do capital na agricultura brasileira, que ocasionou modificações na estrutura populacional do Brasil. Entre as diversas transformações ocorridas no campo, destaca-se a modernização conservadora

da agricultura, que promoveu o crescimento explosivo do êxodo rural, o qual já havia iniciado nos anos 20 e 30, e ainda a formação do proletariado agrícola (IANNI 2004).

Antes da municipalização, Canoinhas tinha uma forte economia voltada ao cultivo da Erva Mate, e devido à variedade de espécies nativas, atraiu interesses de empresas madeireiras que posteriormente utilizaram as terras da região para o cultivo de pinus e eucalipto. Atualmente a economia do município tem por base a indústria voltada principalmente à produção de papel, o comércio e a agropecuária. Na agricultura, destaca-se nas grandes propriedades o plantio de erva mate e a produção de grãos, já nas pequenas propriedades predomina o cultivo de fumo.

Há o campo do agronegócio, da monocultura, dos transgênicos, da reserva de valor...; há também o campo do pequeno produtor, o campo dos sem terra, das crianças exploradas no trabalho, do trabalho escravo, da violência...; há o campo da agroecologia sustentado pela busca da sustentabilidade (não só do espaço natural, mas da relação do homem com o meio em que vive); há também o campo do turismo, do descanso, da vida tranquila, do lazer e do contato com a natureza (VENDRAMINI, 1992, p. 99).

Para quem vive os problemas das cidades, o campo pode parecer encantador: contato com a natureza, uma vida sossegada, mais distante da violência encontrada nos grandes centros urbanos. Entretanto, para quem vive lá, nem tudo é perfeito. A estrutura nas comunidades em questão é precária, há poucos mercados, não há posto de gasolina, não há linha telefônica e a telefonia celular é altamente precária. Algumas famílias com melhores condições financeiras possuem acesso à internet, mas isso está acessível a apenas um número pequeno de moradores. O transporte público ocorre por meio de ônibus, com dois horários ao dia. As estradas também são motivos de reclamações dos moradores, uma vez que encontram-se esburacadas ou sem acesso em dias de muita chuva.

Os sujeitos da pesquisa encontram-se em dezoito comunidades do interior do município de Canoinhas, alguns moram a mais de 60 km do centro do município. Nessas comunidades encontram-se agricultores, professores, pedreiros, caminhoneiros e comerciantes. As famílias sobrevivem, em sua grande maioria, através do cultivo do fumo, o que se dá de forma direta, produzindo a cultura em sua própria área de terra, ou indireta, trabalhando por porcentagem, por dia, mês ou safra.

Há diversas famílias carentes, o que tem se agravado, pois o preço do fumo está sendo desvalorizado e os produtores mal estão conseguindo pagar as contas, muitos desses estão endividados com as fumageiras. Toda essa problemática envolvendo a difícil condição de vida dessas famílias, sabemos resultar no êxodo rural. Alguns moradores afirmam que pretendem continuar ali e dizem gostar do interior, mesmo com as condições precárias que estão submetidos, outros dizem não gostar:

Não gostamos, mas por falta de estudo essa é a nossa única opção. É um círculo vicioso, todo ano se trabalha muito e o retorno é pouco. Mas pensamos que na cidade pode ser ainda pior, lá as coisas são muito caras, aqui não pagamos aluguel nem água (Ivone⁴, mãe de aluno)⁵.

Sem o estudo e com pouca terra e tecnologias estas famílias ocupam os piores lugares dentro da sociedade capitalista vigente. O homem do campo vem sendo expulso de suas terras e tendo sua condição de vida impossibilitada devido ao uso capitalista das tecnologias e a permanente concentração da terra e da riqueza nas mãos de poucos. A baixa escolaridade leva a dificuldades em perceber sua situação e mesmo servindo para naturalizá-la. Pouco identificam a exploração na qual estão submetidos, muitas vezes se conformam, afirmando que um lado bom no cultivo do fumo, que é a autonomia que eles possuem, ou seja, eles “se mandam” na hora de trabalhar, revelando uma percepção muito imediata de sua condição.

Esta difícil realidade é determinante nas perspectivas da juventude e tem relação direta com os estudos, o lazer e o trabalho a que tem acesso e que se encontram envolvidos.

Os jovens e o trabalho

A principal fonte de renda, como já mencionado, se dá através do cultivo do fumo. Os produtores assumem todos os compromissos na produção, porém, na hora da venda do produto não podem determinar o valor a ser pago, uma vez que quem decide isso são as fumageiras que já tem um preço tabelado conforme a classificação de

⁴ Os nomes são fictícios.

⁵ Todas as falas de entrevista mencionadas neste artigo foram concedidas a Marisa Cordeiro dos Santos no período entre 09 de abril a 28 de junho de 2012.

qualidade do tabaco. O excedente produzido pelo trabalhador é apropriado pelos detentores dos meios de produção, perpetuando as diferenças sociais.

Em entrevistas com os jovens e adolescentes, quando questionados sobre a questão do trabalho, todos disseram trabalhar para contribuir no aumento da renda da família, seja indo para a roça ajudar no fumo, cuidando dos animais, tirando leite, ajudando nos afazeres domésticos ou tomando conta dos irmãos menores, ou seja, todos se dizem conscientes da importância que o trabalho tem em suas vidas. Quando questionados sobre qual era a importância do trabalho para eles e suas famílias as respostas foram unânimes: “é importante para nossa sobrevivência”.

Eu ajudo na roça e em tudo o que for preciso. Não gosto muito do trabalho porque às vezes é pesado demais e também é sujo e fico exposta ao sol, mas sei que é importante tanto para mim quanto para minha família (Izabela, estudante).

Esses jovens têm sonhos, objetivos, e não conseguem ver no campo um local de realização pessoal, sendo assim, principalmente os que vêm de famílias carentes desejam ir embora para a cidade, ter liberdade, dependência financeira.

Desejo ir pra um lugar melhor e ter um bom emprego em outra cidade, uma cidade maior. Gostaria de ser bióloga. Ter uma casa própria, um bom emprego e poder comprar uma casa pros meus pais e ajudá-los (Amanda, estudante).

Devido à necessidade de trabalhar para sobreviver, muitos desses jovens estão sendo obrigados a amadurecerem e assumirem papéis de adultos precocemente. Entretanto a definição corrente acerca da juventude é de que essa é uma fase da vida na qual não se deseja assumir compromissos, se deseja viver livremente, fazer escolhas e construir por si só sua personalidade. Entretanto, muitos dos jovens, de acordo com o contexto social, cultural e econômico que estão inseridos, passam a impressão de que a fase de juventude passará despercebida pelos mesmos.

Carecido à condição que estes jovens estão inseridos na sociedade, ou seja, seu contexto histórico é premeditado, provocando aceitações ao invés de uma luta por melhoria da condição que se encontram ou uma busca por uma transformação social. Para Frigotto (1992, p.99) “o centro é o capital e não as necessidades humanas

coletivas. Falar em capitalismo e mercado capitalista é falar de exclusão e destruição dos meios de vidas”. Assim encontram-se esses jovens e adolescentes, excluídos por um sistema que através de um conjunto de falsos valores que os fazem se acomodar com a situação.

O processo de produção do homem, enquanto sujeito histórico e social, resulta na unidade de três elementos fundamentais e diversos: a natureza, individuo e a relação social, sendo que o primeiro e o segundo estão subordinados concretamente ao terceiro, que é o determinante. (FRIGOTO, 1992, p. 101)

Conforme Frigotto assinala, o individuo está ligado à natureza, onde ele se apropria da natureza de acordo com as suas necessidades, uma vez que o trabalho é o formador do ser humano, porém, essa forma é sempre histórica. Sendo assim, pode-se dizer que a situação dos sujeitos da pesquisa está ligada a estrutura social da qual os mesmos estão inseridos, ou seja, numa condição de desigualdade e subalternidade.

O trabalho realizado no campo, no caso, em Canoinhas, é árduo, as longas horas de trabalho no tempo da colheita, que acontece por cerca de três meses, se estendem o dia e a noite toda. O trabalho é manual e sujo, com exposição ao sol à chuva e ao veneno. Quando questionados se querem ser agricultores, esses adolescentes e jovens em sua quase totalidade dizem querer um trabalho mais leve, com melhores condições, com segurança.

É muito sofrido trabalhar no fumo e tem o lucro é pouco. É sempre a mesma coisa, a gente trabalha muito, mas no final da safra não sobra quase nada. É importante porque é com o trabalho que compramos comida, roupas... (Maria, estudante).

O desejo de ir embora para a cidade aumenta dia a dia. Com todos os relatos ouvidos, as situações vividas, não há como não se preocupar com o futuro do campo, não apenas de Canoinhas, mas de todo o Brasil, já que essa é uma realidade em âmbito nacional. Qual será o futuro da Educação do Campo se não houver mais estudantes? É possível realizar o trabalho no campo de forma menos penosa, menos contaminante? Como se dará a produção de alimentos se todos querem ir morar em grandes centros? É possível ter qualidade de vida no campo?

Os jovens e o lazer

Além da questão da renda, outra motivação importante apontado pelos jovens em querer deixar o campo de Canoinhas é a questão do lazer. O “passatempo” desses sujeitos são festas de igreja, bailes, rodeios, jogos de futebol, bingos e visitas a casas de parentes e amigos. Alguns desses vão a bailes, shows e eventos ocorridos na cidade, porém, devido à condição financeira e como alguns pais têm receio em deixar os filhos se dirigirem a locais mais longe, principalmente as meninas, esta é uma possibilidade para apenas uma minoria dos estudantes. A falta de acesso ao lazer está articulada ao quadro econômico social no qual esses jovens estão inseridos.

Saio nas festas, nos jogos, em alguns rodeios. Sinto falta de parques, cinema, um shopping, supermercados, lanchonetes e internet, mais opções para eu sair. Na cidade tem bem mais opções, só que pra ir até a cidade sai bem mais caro (Cecília, estudante).

Em conversas com esses sujeitos, pudemos constatar que os jovens que possuem uma renda melhor, têm acesso ao que eles consideram essencial no que se refere ao lazer. Segundo os mesmo, eles saem sempre que querem, tem a liberação do carro dos pais, tem acesso a internet, recebem dinheiro, se dizem satisfeitos e dizem não sentir falta de muita coisa no campo, pois, o que não há aqui, conseguem acessar do mesmo modo.

As pesquisas realizadas por Brenner, Dayrell e Carrano (2008), ajudam a entender a realidade vivida pela juventude, uma vez que o estudo dos autores demonstra que a ocupação do tempo livre dos jovens se dá de forma desigual, intensificando-se quando consideradas as questões de renda e gênero. Dessa forma, estabelece-se ligação entre os dois principais motivos apontados pelos jovens quando se trata em ir embora do campo.

Na questão de gênero, o povo canoinhense ainda mantém forte conservadorismo, principalmente os moradores do campo, sendo assim, as meninas normalmente têm menos liberdade que os meninos, os pais as “prendem” mais.

Meu irmão é bem mais novo do que eu, e ele sai onde quer, chega a hora que quer. Meu pai dá o carro pra ele, ele pode levar os amigos com ele, tem toda

a liberdade do mundo. Já eu preciso pedir permissão pra tudo e nem sempre consigo ir onde desejo. (Denise, estudante).

Isso faz aumentar o desejo dessas jovens se formarem no ensino médio e irem embora para a cidade, depositando na migração a esperança de um futuro melhor, onde buscarão continuar os estudos, trabalhar em um serviço que não seja tão pesado quanto é a produção do fumo e ainda vão em busca da tão desejada liberdade.

Devido à precariedade do acesso ao lazer, a escola é reforçada como um espaço de socialização. É no âmbito escolar que se fazem amizades, acontece o primeiro beijo, o namoro e para muitos desses jovens, a escola acaba sendo o único espaço para encontrar com pessoas que não sejam as da própria família. Isso do ponto de vista da direção da escola e professores acaba acarretando problemas na aprendizagem, uma vez que muitos desses alunos acabam “matando” aula para namorarem.

Segundo Abramo (2005, p.54), “[...] as atividades de lazer ocupam parte considerável do tempo livre dos jovens”, e ainda “[...] revelam a importância que conferem à circulação e desenvolvimento da sociabilidade ligada à diversão”. Entretanto, no caso em que pesquisamos, dos jovens do campo e trabalhadores, isto parece ocorrer de forma bastante parcial.

Sabe-se que o lazer, principalmente quando acessado de forma coletiva, condiciona os sujeitos ao diálogo, instiga a coletividade e se torna um espaço de aprendizado, reforçando a cultura e a inserção social. O lazer além de ser um direito, é algo apontado por pais e alunos como um fator determinante no desejo de migrar para a cidade, sendo assim, sem lazer não há a permanência do jovem no campo. Evidente que a condição de permanência se dá devido a um conjunto de fatores, porém, o lazer está entre os principais motivos da ida para a cidade. Os jovens da cidade também reclamam da falta de lazer, entretanto, para os habitantes do campo é ainda pior, pois os poucos espaços e formas de lazer existentes no município de Canoinhas estão basicamente aglomerados no centro ou nos arredores do município.

A escola e os jovens

A escola Maria Izabel é uma escola de ensino fundamental completo, atendendo atualmente 659 alunos, esses oriundos de cerca de dezoito comunidades locais. A grande maioria é filho de agricultores. A maioria dos pais possui o ensino fundamental

incompleto e a renda dos mesmos é anual, declarando cerca de um salário mínimo mensal. Similar às problemáticas educacionais de todo o país, a escola trabalha com professores ACTs (contratados temporariamente) em sua maioria. Além disso, os educadores recebem salários baixos, tem carga de trabalho elevada, formação continuada precária, sendo que, isso acaba acarretando em uma educação com baixo índice de aproveitamento por parte dos educandos.

Há no município o Programa de Educação do Campo (CANOINHAS, 2010), o qual visa articular as questões do campo às educacionais, em vista de melhores condições de vida no campo e maior contextualização da educação. Em conversas com os professores, notamos o pouco entendimento dos mesmos acerca desta questão. Para a grande maioria a Educação do Campo se resume em aulas práticas, ou seja, práticas agrícolas, encontrando-se desprovidos de uma leitura mais profunda de campo e da educação, desconhecendo a literatura existente, a história e o propósito da Educação do Campo. A proposta de educação do campo nesta escola ainda é inicial, ou seja, a escola se propõe a ter relação com a realidade de seus educandos, no entanto, isso é eventual. Pensamos que um dos propósitos da Educação do Campo é debruçar-se sobre a vida no campo para refleti-la e transformá-la (KOLLING, NERY E MOLINA, 1999).

Destacamos, porém que esta proposta educacional não pode restringe-se ao local, mas articular o particular e local com o geral e o global. Pensamos que ter o campo como base nos estudos, significa reconhecer a importância do conhecimento científico para compreender as problemáticas do meio rural, suas formas de vida e trabalho, sua cultura, compreendendo-as de modo não dissociado com o conjunto da sociedade em que nos encontramos. A transformação necessária para construir uma vida melhor no campo não está dissociada de mudanças na totalidade social.

Algo fundamental no fortalecimento da Educação do Campo é a articulação e parceria entre as escolas e os movimentos sociais ou sindicatos, no entanto, o que se observa no município de Canoinhas é que o Programa não tem aproximação com esses movimentos. Pelo contrário, o que se vê são grandes empresas do município exploradoras da cultura do fumo e celulose, adentrando nas escolas e passando sua “filosofia” através de palestras, recursos financeiros mínimos, projetos e “materiais didáticos”.

Essas empresas destroem o meio ambiente, exploram a população local e para melhorar sua imagem realizam projetos sociais, programas ambientais. Sem dúvida sua entrada nas escolas lhes é muito conveniente para o além da divulgação da marca, a

formação dos futuros consumidores e trabalhadores. A Educação do Campo surgiu de uma luta dos movimentos sociais, em busca de condições decentes de vida no campo, opondo-se a apropriação capitalista da riqueza, da educação e dos bens naturais. Vemos assim que a lógica do grande capital perpassa a escola, mesmo em um Programa que nasceu propondo a superação da lógica capitalista no campo.

O PPP (Plano Político Pedagógico) da escola tem reflexões interessantes, no entanto, isso parece se materializar pouco no cotidiano da escola, prevalecendo um ensino mecanizado e pouca aprendizagem pelos estudantes. Nas entrevistas realizadas com os jovens, eles mencionaram que estudam porque querem ter um futuro bom, querem fazer vestibular. Entretanto, ficou nítido nas análises das respostas que o estudo é visto como algo para o futuro, em particular uma “ponte” para o mercado de trabalho.

A escola é importante para o meu aprendizado, porque através do estudo eu posso arrumar um trabalho na cidade, sair daqui, deixar de plantar fumo. Mas eu não acho que a escola está me formando para o que eu quero (Vitória, estudante).

O distanciamento da realidade vivida por esses jovens faz com que muitos não consigam estabelecer sentido entre os conteúdos trabalhados e a vida concreta dos mesmos. Ainda, dentre os onze jovens entrevistados apenas dois responderam que a escola os ajuda a entender o mundo.

Não consigo ver relação entre a escola e meu cotidiano, o que é passado nas aulas não são assuntos que eu aprenda e possa utilizar no meu dia a dia. Não acho que a escola me ajuda a entender o mundo. (Eduardo, estudante).

Outro ponto que chamou atenção foi à afirmação de estudantes de que alguns educadores tem pouco conhecimento dos conteúdos trabalhados em aula. Em entrevistas com os professores, esses afirmam estabelecer relações entre a disciplina trabalhada e a vida no campo, embora os mesmos afirmem que sentem dificuldades em relacionar alguns conteúdos com a realidade local.

Sempre busco estabelecer relações, principalmente através de aulas práticas sobre, por exemplo, o solo, porém, não é cem por cento. Não temos muitos materiais e também não sabemos ao certo como buscar estabelecer tais relações (Jaison, professor).

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, não há nada que trate sobre a temática da juventude ou ações específicas aos jovens, dando a impressão de não existência destes na comunidade e em especial na escola. Tem-se a impressão, pelas falas de docentes e responsáveis da escola, de que os jovens que saem dali e vão para as outras cidades são vistos como sujeitos que se deram bem na vida. Não consta no PPP um posicionamento acerca do êxodo ou permanência desses sujeitos no campo e esta questão não está muito presente nas falas na escola. Percebe-se assim um frágil posicionamento da escola diante dos problemas concretos do campo de Canoinhas, e uma desarticulação em relação às problemáticas locais. Observa-se ainda que o PPP não reflete as condições concretas de trabalho e vida dos alunos. Ou seja, este deveria ser o documento de sustentação da escola, no entanto em observações contatamos que muitos professores desconhecem o PPP e não tiveram qualquer contato com o mesmo.

Os professores planejam mal ou muitas vezes nem planejam suas aulas, porém, como culpá-los sendo que os mesmos são obrigados a trabalhar cerca de quarenta horas semanais para mal conseguirem se manter? Como culpar a escola por não dar muito tempo para reuniões e planejamento sendo que há um cronograma exaustivo de aulas e atividades a serem cumpridas e com as elevadas cargas horárias que os professores são levados a assumir? Como querer exigir que o aluno interaja, goste de estudar e realmente aprenda se o mesmo sente os reflexos das problemáticas existentes e o ensino não faz sentido em sua vida?

Se a sociedade é desigual, a educação também tende a essa desigualdade. Em Canoinhas há professores com formação precária, com frágil entendimento sobre a Educação do Campo, materiais didáticos defasados, reuniões e espaços coletivos cada vez mais raros, sendo assim, como se estabelecerá uma educação de qualidade para a população do campo? Porém, quando pensamos em comparativos com relação à realidade educacional do Brasil, o Programa de Educação do Campo do município é um avanço uma vez que nota-se uma pequena melhora nas escolas do campo de Canoinhas, ainda que esta seja uma melhora insuficiente para uma educação de qualidade de fato.

Quando questionados sobre o sentido da escola em suas vidas, os estudantes do Maria Izabel afirmam que a escola “é importante para o meu aprendizado”, mas esse aprendizado está vinculado à perspectiva de emprego. Se o que se está buscando é formar alunos críticos, deve-se investir em uma formação sólida, sem omitir seu conteúdo político em busca de uma formação omnilateral. Para que haja mudanças, a escola e todos que estão inseridos nela precisam estudar, precisa ter tempo para

planejar, estabelecer generalizações e assim buscar soluções para as problemáticas encontradas na realidade escolar. É fundamental uma atuação específica para os sujeitos que integram a escola, em particular a juventude. Observamos que a escola não oferece uma contribuição efetiva para o entendimento da realidade e ferramentas para sua transformação. Nesse sentido ela não consegue contrapor-se, nem parcialmente para diminuir o êxodo rural e tornar o local mais atrativo aos jovens.

Considerações Finais

Neste artigo nos detivemos em compreender as perspectivas da juventude do campo de Canoinhas, focando os estudantes da escola Maria Izabel, onde procuremos estabelecer relações entre os sujeitos da pesquisa e suas relações com o trabalho no campo, o lazer e a escola, verificando que suas perspectivas de futuro tem relação direta com a forma que acessam estes elementos. Do mesmo modo, o êxodo rural dos jovens de Canoinhas está diretamente ligado a estas questões.

As famílias existentes nas comunidades pesquisadas são de pequenos agricultores, possuindo pouca extensão de terra, dessa forma, não há como os mesmos fazerem grandes produções, ou se dedicarem a vários tipos de cultivos, dessa forma, a maioria das famílias ficam a mercê da produção do fumo. Como a maioria das famílias possui mais de dois filhos, a pouca quantidade de terra não daria pra todos sobreviverem no campo. Sem ajuda de subsídios, com o preço da venda do fumo nada satisfatório e um trabalho penoso, os jovens do campo de Canoinhas partem para as cidades em busca de um futuro promissor.

Como a renda adquirida mal dá para sobreviver, o lazer que estes jovens têm acesso é o mínimo existente nas comunidades, uma vez que para acessarem o lazer encontrado no perímetro urbano, precisam de dinheiro. Como mencionado ao longo deste trabalho, somente os jovens com uma melhor condição financeira vão ao centro do município em busca de mais opções de lazer e também possuindo acesso às mídias e meios de comunicação. À grande maioria dos jovens não há muito onde divertir-se, neste caso, a escola adquire maior importância como meio de sociabilidade.

A escola Maria Izabel é o reflexo do atual sistema educacional brasileiro, formando para um mercado de trabalho desqualificado e sem dar elementos para reconhecer a situação na qual estão envolvidos. No entanto, esta função está disfarçada pelos discursos vagos que rondam o sistema educacional brasileiro, e analisando as falas

dos professores, observa-se que os mesmos também não se dão conta disso, pois este sentido está sendo ocultado também para os educadores.

Como assinala Kuenzer, (2000, p. 360):

Nenhuma mudança significativa no projeto político pedagógico ocorrerá a partir de reformas do Estado burguês, que muito claramente já definiu seu compromisso com o grande capital; ou elas ocorrem através da ocupação do Estado pela esquerda, ou elas ocorrem pela “ocupação” da escola pelos professores organizados em seus sindicatos; não será o trabalho individual, de “formiguinha bondosa”, que resolverá o problema, tão pouco projetos locais, culturalmente restritos.

As problemáticas vividas pela juventude do campo de Canoinhas são reflexos da estrutura social capitalista na qual esses sujeitos são sendo explorados, principalmente através do cultivo do fumo. Com uma estrutura de bens e serviços precária, sem opções de lazer e a renda que vem diminuindo gradativamente, esses jovens e adolescentes estão cada vez mais cedo buscando na migração uma forma para mudarem sua condição de vida. Sabe-se que os governos têm conhecimento das problemáticas existentes no campo, no entanto, os mesmos não buscam atacar a raiz dos problemas, deixando a maior parte da população rural em situação de abandono. Esta iniciativa cabe à população do campo e suas organizações, cabe ainda aos educadores e jovens que reconhecem sua condição de classe e atuam em favor dos projetos coletivos de trabalhadores.

Enquanto não houver uma melhor divisão de terras, mais oportunidades de renda de modo sustentável, mais investimentos na área rural do município de Canoinhas, e uma educação efetivamente de qualidade, os jovens não permanecerão no campo. A juventude tem sonhos, objetivos, e não há como julgá-la por buscar sair do campo. Neste contexto, a cidade aparece como uma possibilidade de melhoria de vida, ainda que para muitos que a ela se dirigem esta melhoria não se efetive. Trata-se portanto, das estruturas sociais que determinam a vida dos jovens do campo e da cidade, cada qual com suas particularidades. Estas estruturas precisam ser movimentadas – inclusive pelos jovens - para que o campo se constitua um horizonte desejável.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, H. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-73.

BRENNER, A. K. DAYRELL, J. e CARRANO, P. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. p. 175 – 214

CANOINHAS. **Programa Interdisciplinar de Educação do Campo**: Diretrizes operacionais e curriculares no âmbito da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino de Jovens e Adultos na esfera do Sistema Municipal de Educação de Canoinhas – SC; Canoinhas, 2010.

DELGADO, G. A questão agrária no Brasil, 1950-2003. In: Mundo rural. **Sociologias**, 2003, n. 10, p. 312-347.

FRIGOTTO, G. Trabalho, não-trabalho, desemprego: problemas na formação do sujeito. In: **Perspectiva** . Florianópolis, ano 10, ° 18, 95 - 106, ago/dez. Editora da UFSC, 1992.

IANNI, O. **Origens Agrárias do Estado Brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 100- 191.

KOLLING, E; NERY, Ir; MOLINA, M. **Por uma Educação Básica do Campo**. Brasília: Editora da UnB, 1999.

KUENZER, A. Z. Educação Cidadã, trabalho e desemprego: o possível como caminho para a utopia. In: AZEVEDO, J, C. [et al] **Utopia e Democracia na Educação Cidadã**. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, SME, 2000. p. 353 – 368.

VENDRAMINI, C. V. Educação do Campo: Educação virada para o futuro? In: CANÁRIO, Rui; RUMMERT, S. M. (org). **Mundos do Trabalho e Aprendizagem**. Lisboa: Educa, 2009. v. 14. p. 97 – 195.